

O TEMPO DOS INDIVÍDUOS

“ Devo ... assinalar que os tempos verbais se apresentam em discurso - e se projectam em competência - como signos (ou indicadores) privilegiados para desenharem no desenvolvimento textual planos heterogéneos.”

Fonseca, J., “Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português”, Porto, 1993, Porto Editora, pp.125.

É com tempo que contamos uma história mas é também com indivíduos que a construímos. Esta é uma história de língua no discurso, de indivíduos e dos seus predicados permanentes ou temporários.

Um dos efeitos mais interessantes que os tempos podem ter nos indivíduos pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo:

- (1) Há uns tempos assisti a uma conferência de um cientista famoso. Esse cientista era muito inteligente. Era não, é.

Um exemplo como este revela um efeito semântico-pragmático muito comum em várias construções com o Imperfeito, quer se trate de situações, quer de indivíduos, pois a correcção observada na última frase mostra que se pretende alterar a possível inferência de o referido cientista já não existir.¹

Assim, a questão central que se vai colocar neste trabalho diz respeito à forma como o tempo da frase pode afectar a localização temporal dos indivíduos tendo

¹ Um efeito semelhante pode também ocorrer com situações como no seguinte diálogo:

(1) (1) (i) O que estás aqui a fazer? - Estava à espera do jornal.

A diferença reside em, neste caso, a inferência ser sobre a situação de ‘esperar o jornal’. Veja-se a este respeito OLIVEIRA, F. - *Algumas Considerações acerca do Pretérito Imperfeito*, in “Actas do 2º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística”, Lisboa, 1986, pp. 78-96.

em conta o tipo de predicados. Consideraremos neste artigo fundamentalmente os nominais em posição de sujeito e o contraste relevante é o de alguns tempos do passado, em particular o Imperfeito e o Pretérito Perfeito, com o Presente.

Numa primeira parte discute-se a diferença entre predicados de indivíduo e predicados de fase, através de alguns testes identificadores; em seguida analisa-se a articulação entre predicados de indivíduo e a selecção de tempos de passado, discutindo-se numa terceira parte a relação entre indivíduos, tempo e contexto. Por fim, apresenta-se uma proposta em que se pretende contribuir para uma explicação dos efeitos de não existência despoletados pelo Imperfeito em associação com predicados de indivíduo.

1. Predicados de Indivíduo e Predicados de Fase

Desde Carlson (1977)² que uma distinção entre predicados está associada a diferentes tipos de entidades, permitindo distinguir indivíduos (incluindo termos de espécie e objectos) de fases de indivíduo. Deste modo, é considerado que certos predicados favorecem preferencialmente um dos tipos de entidades. Assim, enquanto *estar contente* é uma propriedade transitória, *ter olhos castanhos* não o é e, de acordo com aquele autor, uma propriedade do tipo da primeira é uma propriedade de fase, expressa por predicados de fase, e uma propriedade como a segunda é uma propriedade de indivíduo, expressa através de predicados de indivíduo.

Em línguas como o inglês, para a qual este influente estudo foi em primeiro lugar proposto, existem alguns testes que permitem identificar e distinguir predicados de indivíduo e predicados de fase.³ Porém, numa língua como o português, que apresenta o contraste *ser/estar*, a construção destes predicados com adjectivos (e também participípios e adjectivos derivados de participípios) está de certa forma gramaticalizada na medida em que predicados de indivíduo se constroem tipicamente com *ser* e predicados de fase com *estar*.

Enquanto Carlson considera diferentes tipos de predicados associados a diferentes tipos de entidades, Kratzer⁴ defende uma outra proposta, segundo a qual

² CARLSON, G., 1977 - *Reference to Kinds in English*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Massachusetts, Amherst. Publicado em 1980 por Garland Press, Nova Iorque.

³ Alguns dos testes para esta língua são os seguintes, sendo os dois últimos interpretativos: a. inserção de *there*, que só admite leitura existencial (There are firemen available/*there are firemen altruistic); b. meros plurais; c. construções absolutas. Veja-se a este respeito KRATZER, A. - *Stage-Level and Individual-Level Predicates* in Carlson, G. N. e Pelletier, F. J. (organizadores) "The Generic Book", Chicago, The University of Chicago Press, 1995, pp. 125-175.

⁴ KRATZER, A. - *op.cit.*

os predicados em questão têm uma estrutura argumental diferente, isto é, os eventos ou localizações espaço-temporais, enquanto predicados de fase, têm uma posição argumental extra à maneira de Davidson e os predicados de indivíduo não têm tal argumento. De entre os diferentes argumentos aduzidos por Kratzer, mencionaremos em seguida um que tem directa implicação na questão que nos ocupa. Com efeito, a possibilidade de expressões temporais e espaciais poderem modificar predicados de fase, mas não predicados de indivíduo, está relacionada, segundo esta autora, com uma variável de tipo eventivo (ou de mera localização espaço-temporal) introduzida por aqueles predicados. Vejam-se os próprios exemplos de Kratzer cujas versões portuguesas apresentam exactamente as mesmas características:

- (2) Manon is dancing on the lawn.
[dancing (Manon, I) & on-the-lawn (I)]
- (3) Manon is dancing this morning.
[dancing (Manon, I) & this morning (I)]
- (4) Manon is a dancer.
[Manon (dancer)]

Dado que *is dancing* é um predicado de fase, apresenta um argumento sob a forma de uma variável, “I”, e os locativos espacial e temporal de (2) e (3) relacionam-se com o verbo seleccionando outra ocorrência da mesma variável como seu argumento. Por seu turno, *is a dancer* é um predicado de indivíduo típico, não apresentando tal variável e conseqüentemente não pode ser modificado por locativos. Se, porém, se puder construir com um locativo, passa a ser um predicado de fase, como seria o caso de uma frase como *Manon é (uma) dançarina esta manhã*. Esta variável pode ser ligada por quantificadores quando estas frases surgem em construções complexas ou pode ser fornecida pelo contexto de uso.

Embora as observações feitas aos exemplos em inglês sejam também válidas para português, a distinção entre predicados de fase e de indivíduo está em grande parte associada à oposição *estar/ser* quando estes predicados se constroem com adjectivos (ou participios). Com efeito, *ser alto*, *ser inteligente* veiculam propriedades de indivíduos na medida que se podem considerar a nível interpretativo como propriedades estáveis, enquanto *estar contente*, *estar cansado* descrevem propriedades temporárias.

Vejamos então algumas das características dos dois tipos de predicados que, para além da já enunciada, podem ser testadas linguisticamente. Os predicados de indivíduo, na medida em que caracterizam directamente uma entidade, manifestam, como já se observou brevemente, algumas incompatibilidades com determinados adverbiais temporais de duração e de localização, para além de não admitirem

quantificação por meio de expressões como *sempre que*. Os predicados de fase, pelo contrário, não apresentam quaisquer restrições combinatorias com advérbias de duração e de localização temporal, podem ser quantificados e admitem, sem grandes dificuldades, advérbias de localização temporal estrita (pontuais), induzindo uma interpretação da inclusão destes no intervalo de tempo em que decorrem. Acresce que um outro argumento pode ainda ser considerado: os predicados manifestamente de fase parecem não poder ocorrer sob o escopo do operador aspectual *passar a*, ao contrário do que sucede com os predicados de indivíduo.⁵ Observe-se o contraste entre os exemplos seguintes, tendo em conta que *ser alto* é um predicado de indivíduo e *estar contente* um predicado de fase:

- (5) * O João foi alto ontem.
- (6) * Sempre que o João é alto, pratica atletismo.
- (7) * O João foi/era alto às duas da tarde.
- (8) O João passou a ser alto depois de tomar vitaminas.
- (9) O Rui esteve contente ontem.
- (10) Sempre que o Rui está contente, telefona aos amigos.
- (11) O Rui esteve/estava contente às duas da manhã.
- (12) * O Rui passou a estar contente. (leitura não habitual)

Por último, consideremos ainda dois contextos que, não podendo confundir-se com os tipos de predicados em análise, são também esclarecedores destas diferenças. Um deles está relacionado com as construções habituais e as frases genéricas e o outro relaciona-se com a distinção entre estados ‘faseáveis’ e ‘não faseáveis’.⁶

Os estados habituais são eventualidades derivadas obtidas a partir de eventos que, ao terem lugar um número suficiente de ocasiões, permitem a consideração de variáveis de situação que podem ser ligadas por um operador quantificacional e obter-se assim a generalização. Deste modo, uma frase como (13) caracteriza a Maria atribuindo-lhe a propriedade de *fumar cigarros* que não é meramente transitória como seria se se considerasse *está a fumar um cigarro*. Como se pode ver em (14), opera-se uma generalização sobre situações que são na base temporárias mas que, por força do operador GN, acaba por adquirir características semelhantes às dos predicados de indivíduo.

⁵ Veja-se a este respeito OLIVEIRA, F.; CUNHA, L.F. - *Termos de Espécie e Tipos de Predicados* in “Volume Comemorativo dos 25 anos do CLUP”, Porto, CLUP, 2003. (no prelo)

⁶ Veja-se a este respeito CUNHA, L.F. - *Os Operadores Aspectuais do Português: Contribuição para uma Nova Abordagem* in “Cadernos de Linguística” n° 1, Porto, CLUP, 1998, 38p.

(13) A Maria fuma cigarros.

(14) GN [s;] (Maria em s; \exists (cigarros) & Maria fuma x em s)

De facto, as frases habituais apresentam um comportamento semelhante aos predicados de indivíduo, o que se pode observar nos exemplos seguintes nos mesmos contextos dos exemplos (5)-(8), isto é, combinação com adverbiais de mera localização temporal (15), quantificação por expressões como *sempre que* (16) e escopo do operador *passar a* (17).⁷

(15) * Ontem, o João ia ao cinema habitualmente.

(16) *Sempre que o João ia ao cinema habitualmente, atrasava os seus trabalhos.

(17) O João passou a ir ao cinema habitualmente.

Embora não se possa confundir a distinção entre estados faseáveis/ não faseáveis com a de predicados de fase/predicados de indivíduo, os estados faseáveis, quando revelam o seu cariz estativo, parecem comportar-se como predicados de indivíduo, admitindo uma leitura de espécie para os nominais em posição de Sujeito; porém, quando a sua configuração temporal interna se altera para a que caracteriza os processos, apenas uma leitura existencial se encontra disponível. Veja-se o contraste entre os exemplos (18)-(19) em que no primeiro temos uma leitura de espécie e no segundo, em virtude da aplicação do operador de Progressivo, se evidencia a impossibilidade de uma tal leitura.⁸

(18) Os leões são agressivos.

(19) Os leões estão a ser agressivos.

2. Predicados de Indivíduo e Tempos do Passado

Como se disse, os predicados de indivíduo dizem respeito a propriedades estáveis e nessa medida caracterizam o indivíduo por um período suficientemente alargado de tempo, se não mesmo por toda a sua existência. É claro que o nosso conhecimento do mundo pode também influir na consideração de um predicado como sendo de indivíduo ou de fase como é o caso de *ser loura* que, sendo um

⁷ Veja-se a este respeito OLIVEIRA, F.; CUNHA, L.F. - *op. cit.*

⁸ A construção progressiva ou o recurso a orações temporais constituem alguns dos critérios que permitem distinguir estados faseáveis de não faseáveis. Estes últimos não ocorrem em tais contextos.

predicado de indivíduo, pode também em certas circunstâncias sofrer uma mudança para predicado de fase. O português, tal como o castelhano,⁹ tem ao seu dispor, nestes casos, o contraste *ser/estar* e, assim, *ser loura* corresponde a um predicado de indivíduo enquanto *estar loura* a um predicado de fase.

Para além da distinção acima referida, o português apresenta uma outra nos tempos do passado que é muito relevante para a questão que nos ocupa, a saber, o contraste Pretérito Perfeito / Imperfeito. Consideremos em primeiro lugar um predicado de indivíduo não susceptível de alterações como *ser do norte de Portugal* e observem-se os seguintes exemplos:

- (20) Ele é do norte de Portugal.
- (21) Ele era do norte de Portugal.
- (22) *Ele foi do norte de Portugal.

Comparando (21) com (20) infere-se, em virtude do Imperfeito, que o indivíduo em questão já não existe, enquanto em (22) tal inferência não só não é possível como a frase não é aceitável. Mas vejamos também os seguintes exemplos em que, apesar de se tratar de um predicado idêntico ao anterior, é possível aceitar (24) numa outra aceção:

- (23) Ele era do Porto.
- (24) #Ele foi do Porto.

(23) tem uma leitura semelhante aos exemplos anteriores, isto é, *ser natural do Porto* e a inferência de não existência mantém-se tal como em (21). No entanto, (24) pode ser aceitável se considerarmos que *ser do Porto* significa *ser do clube de futebol*. Neste caso o que se diz é que ele foi mas já não é desse clube, embora não haja inferência de não existência. (23) também pode ter este outro sentido de *ser do Porto*, mas o efeito de não existência mantém-se. Este contraste entre os dois significados indicia que *ser (natural) do Porto* é um predicado de indivíduo atribuível a toda a existência de um indivíduo enquanto *ser (do futebol clube) do Porto* é um predicado que pode atribuir-se de forma estável, mas não permanente a um indivíduo.

⁹ Veja-se a este respeito, entre outros, DEMONTE, V. - *El Adjetivo: Clases y Usos* in Bosque, I.; Demonte, V. (organizadores) "Gramática Descriptiva de la Lengua Española", Madrid, Editora Espasa, 1999, pp.129-215.

Vejamos agora alguns exemplos construídos com *ser* e *com estar*:

- (25) O Rui era alto.
- (26) */? O Rui foi alto.
- (27) O Rui era inteligente.
- (28) O Rui foi inteligente.
- (29) O Rui estava contente.
- (30) O Rui esteve contente.
- (31) O Rui estava alegre.
- (32) O Rui esteve alegre.

Os predicados dos exemplos (25)-(28) são predicados de indivíduo enquanto os dos exemplos (29)-(32) são predicados de fase. Enquanto em (25) e (27) se observa a inferência de não existência, em (29) e (31) isso não é possível pois nestes dois últimos casos o predicado de fase associado ao Imperfeito diz respeito a um estado que, por ser temporário, não pode dizer respeito à vida de um indivíduo. Por isso estas frases ocorrem facilmente com adverbiais de localização temporal (*estava contente / alegre ontem*) enquanto as primeiras não são aceitáveis (**era alto / inteligente ontem*). Mas contraste-se também (26) com (28) pois, apesar de estarmos perante predicados de indivíduo, observa-se uma aceitabilidade diferente. Com efeito, *ser alto* é um estado não faseável contrariamente a *ser inteligente* que, sendo faseável, admite que um exemplo como (28) tenha a interpretação de *teve um comportamento inteligente* (numa situação concreta).¹⁰ Mas (28) pode ainda ter uma outra leitura: a propriedade de ser inteligente já não se aplica ao Rui sem que isso signifique que já não existe, mas tão só que já não possui tal propriedade. Esta leitura torna-se mais evidente se observarmos os seguintes exemplos com o predicado *ser alegre* (um predicado de indivíduo não faseável) permitindo em (33) fazer a inferência de não existência e em (34) afirmar que tal propriedade já não é atribuível ao Rui.

- (33) O Rui era alegre.
- (34) O Rui foi alegre.

¹⁰ Note-se que é possível uma frase como (i) mas o intervalo de tempo considerado não diz respeito ao indivíduo mas simplesmente a um período delimitado da sua vida, que é explicitado por *em pequeno*.

(1) (i) Em pequeno, ele foi alto mas depois parou de crescer.

Parece, pois, que o tempo verbal influencia de forma relevante o modo como se atribui uma propriedade a um indivíduo: embora os dois tempos verbais indiquem que essa propriedade já não se aplica, só o Imperfeito tem associada uma inferência de não existência do indivíduo.¹¹

Quanto aos predicados de fase dos exemplos (29)-(32), o Pretérito Perfeito indica que o estado temporário terminou e o Imperfeito tem associada a possibilidade de continuidade desse estado, como se pode ver nos seguintes exemplos:

(35) O Rui esteve alegre ontem *e ainda está.

(36) O Rui estava alegre ontem e ainda está.

Assim, o Imperfeito parece ter associados efeitos semânticos diversos consoante o tipo de predicado com o qual se combina, admitindo uma inferência de não existência com predicados de indivíduo e a de um estado que do passado pode continuar até ao presente com predicados de fase.

Como se disse anteriormente, os estados habituais comportam-se de forma muito semelhante a predicados de indivíduo. Nesta medida parece interessante observar alguns exemplos com eventos uma vez que são tipicamente predicados de fase:

(37) Ele bebia grandes quantidades de café.

(38) Ele bebeu grandes quantidades de café.

(39) Ele fumava muito.

(40) Ele fumou muito.

Enquanto (38) e (40) dizem respeito a uma situação particular do passado contextualmente determinada, (37) e (39) apresentam a possibilidade de uma inferência do mesmo tipo da apresentada para os predicados de indivíduo. Com efeito, é admissível, com estes exemplos, que se considere que o indivíduo em questão já não exista.

Assim, estes tempos do passado quando combinados com predicados de indivíduo parecem despoletar implicaturas sobre a terminação de uma situação (ou de atribuição de uma propriedade), enquanto com predicados de fase essa implicatura

¹¹ Note-se que este efeito também se aplica a termos de espécie como se pode ver em exemplos como (i) em contraste com (ii) em que não se infere a não existência da espécie:

(i) Os dinossauros eram pacíficos.

(ii) Os dinossauros foram pacíficos.

só ocorre com o Pretérito Perfeito. No entanto, há uma diferença muito interessante: enquanto o Imperfeito ao combinar-se com predicados de indivíduo induz a inferência de não existência, o Pretérito Perfeito com os mesmos predicados só dá a informação de que aquele predicado já não se aplica, o que, de certa forma, parece contrário ao que seria de esperar pois é o Pretérito Perfeito que tem tipicamente associado a si a terminação de uma situação.

3. Indivíduos, Tempo e Contexto

As inferências despoletadas nas construções acima observadas podem desaparecer no contexto de frases complexas. Vejamos alguns exemplos.

- (41) A Maria disse-me que o marido era muito inteligente.
- (41') A Maria disse-me que o marido é muito inteligente.
- (42) Assisti ontem a uma conferência muito interessante. O cientista era muito inteligente.
- (42') Assisti ontem a uma conferência muito interessante. O cientista é muito inteligente.
- (43) Finalmente conheci a Laura e verifiquei que era muito alta.
- (43') Finalmente conheci a Laura e verifiquei que é muito alta.

Os predicados destas frases são, como se pode verificar, predicados de indivíduo e as frases de cada par distinguem-se entre si apenas pelo contraste dos tempos. O primeiro par de exemplos, no contexto de uma completiva, é o único que revela na primeira das frases a possibilidade de uma inferência de não existência, isto é, (41) admite duas leituras: uma em que há uma relação de subordinação temporal da frase no Imperfeito relativamente à frase matriz e, dado que o predicado *ser inteligente* é um estado, ainda pode manter-se no tempo da enunciação de toda a frase; na outra leitura a inferência de não existência é possível por o tempo anterior ao da frase matriz ser o mais relevante. Em (41') tal efeito não existe e a ocorrência do Presente na completiva está relacionada com o facto de os estados permitirem nestes contextos uma interpretação de duplo acesso pois *ser muito inteligente* é um predicado que se aplica em relação ao tempo de *disse* e também ao tempo da enunciação de toda a frase.¹² Em (41), o Imperfeito surge quer porque se subordina

¹² Para uma discussão sobre o conceito de duplo acesso, veja-se, para o inglês, ABUSH, D. - *Sequence of Tense and Temporal De Re* in "Linguistics and Philosophy", vol 20, n°1, 1997, pp.1-50 e, para o português, OLIVEIRA, F. - *Algumas Questões Semânticas acerca da Sequência de Tempos em*

ao Pretérito Perfeito, mas admitindo que o estado se mantém no presente, quer porque aceita uma leitura em que *ser inteligente* é uma propriedade tida como anterior ao ponto de perspectiva temporal marcado pelo Pretérito Perfeito. Com efeito, trata-se de relações temporais e aspectuais de tipo diferente pois, no primeiro caso, o evento de *dizer* está incluído no estado de *ser inteligente* e no segundo caso o Imperfeito estabelece como discursivamente relevante um estado anterior ao predicado da frase matriz e é nessa medida que pode admitir a inferência de não existência tal como acontece com as frases simples com Imperfeito. Note-se, no entanto, que este efeito só pode ocorrer com predicados de indivíduo e não com predicados de fase como se pode ver em exemplos como a *Maria disse-me que a Rita estava grávida*.

Nos outros pares de exemplos observa-se que o contraste Imperfeito /Presente não acarreta para o primeiro tempo uma inferência de não existência, tratando-se de subordinação temporal no caso do Imperfeito e de efeito de duplo acesso para os exemplos com Presente. A questão que se coloca é a de saber por que razão aquela inferência pode ainda ocorrer no contexto de frases completivas e não no das outras frases. Em (42) e (43) os estados descritos pelo Imperfeito, embora assumidos como não delimitados, surgem como sendo só relevantes discursivamente a partir do tempo das frases anteriores enquanto em (41), na leitura de não existência, pelo contrário, é exigida a consideração de um tempo anterior ao da frase matriz em que o estado de *ser inteligente* já é aplicado ao indivíduo. Repare-se que entre as características gerais dos estados se encontram exactamente as de não serem delimitados e não apresentarem estrutura interna. Nesta medida as diferentes leituras das frases, aproveitando tais traços, tendem a dar instruções sobre como interpretar a atribuição das propriedades aos indivíduos. Mas veja-se ainda a diferença entre (41) e (44) e também (45):

(44) A Maria disse-me ontem que o marido era muito inteligente.

(45) A Maria disse-me que o marido tinha sido muito inteligente.

Em (44), com um adverbial de localização temporal, a leitura preferencial já não parece ser a de não existência do indivíduo. Por outro lado, em (45), o Mais-que-Perfeito induz uma leitura de propriedade não atribuída, mas sem efeito de não

Português in "Revista da Faculdade de Letras" série Línguas e Literaturas, vol. XV, 1998, pp. 421-436. Esta questão e a da subordinação temporal são também amplamente discutidas em SILVANO, M. P. - *Sobre a Semântica da Sequência de Tempos em Português Europeu. Análise das Relações Temporais em Frases Complexas com Completivas*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, 2002.

existência tal como acontece com o Pretérito Perfeito, embora com a diferença de este último tempo ter o tempo da enunciação como ponto de perspectiva temporal e aquele ter, como é sua característica, um tempo passado, em particular o Pretérito Perfeito.

Em contrapartida, os exemplos (42) e (43) ocorrem dificilmente com o Mais-que-Perfeito, como se pode ver nas versões seguintes:

(46) Assisti ontem a uma conferência muito interessante. ?/* O cientista tinha sido muito inteligente.

(47) Finalmente conheci a Laura e verifiquei ?/* que tinha sido muito alta.

Assim, o contexto pode influir de maneira determinante no que diz respeito à possibilidade de inferência de existência ou não de um indivíduo. No entanto, esta inferência, embora possível pela conjugação de predicados de indivíduo com os tempos Imperfeito e Pretérito Perfeito, parece envolver também efeitos pragmáticos.

4. Para uma proposta explicativa

Uma questão que convém ter presente é a de que a inferência de não existência é possível em certos contextos pela simples razão de que, quando se atribuem predicados a indivíduos, tipicamente se pressupõe a sua existência. Por outro lado, a selecção de um tempo do passado em detrimento do tempo presente está relacionado com diferentes tipos de instruções para o interlocutor interpretar o enunciado. Partindo de um dos princípios de Grice¹³ de que devemos ser tão informativos quanto possível, a escolha do tempo Presente associado a um estado só pode dar a informação de presente e nessa medida estão criadas condições para se considerar que existe o indivíduo ao qual se aplica o predicado.¹⁴ Quando se

¹³ Cf. GRICE, H. P. - *Logic and Conversation* in Cole, P. ; J.L. Morgan (organizadores) "Syntax and Semantics", vol. 3, Nova Iorque, Academic Press, pp. 41-58.

¹⁴ Numa língua como o português o tempo verbal Presente opera de forma diferente consoante a base é um estado ou um evento. Com estes últimos dá-se uma mudança aspectual para estado habitual enquanto com estados a informação é temporal presente relativamente ao tempo da enunciação, podendo alargar-se para além deste pelo facto de ser um estado. Vejam-se os seguintes exemplos ilustrativos:

(i) O João fuma cachimbo.

(ii) O João está doente.

(iii) O João é rico.

Para um maior desenvolvimento sobre este assunto, veja-se, entre outros, OLIVEIRA, F. - *Tempo e Aspecto* in Mateus et al. "Gramática da Língua Portuguesa", cap. 6, Lisboa, Editorial Caminho, 2003, pp. 127-178.

selecciona um tempo passado, a instrução é obviamente a de passado, mas com uma diferença muito interessante em português: escolhe-se o Pretérito Perfeito para dizer que essa propriedade já não se aplica e o Imperfeito para dar a informação de que o portador dessa propriedade já não existe.

A escolha do tempo por parte do locutor não acarreta tais consequências quando se trata de predicados de fase na medida em que estes, por serem temporários, não podem pôr em causa a existência de um indivíduo mas tão só a duração de tal propriedade. A escolha do Pretérito Perfeito apresenta características semelhantes às mencionadas para este tempo com predicados de indivíduo, a saber, a propriedade deixou de se aplicar, enquanto a selecção do Imperfeito indica que o estado teve início no passado, podendo eventualmente continuar no presente. Vejam-se os seguintes exemplos como respostas à pergunta “Como é que ele está?”:

(48) Esteve contente na festa.

(49) Estava contente na festa.

Em (48) a duração do predicado de fase limita-se à da festa enquanto em (49) é admissível que continue para além da delimitação temporal da festa, embora o locutor não o assuma, pois se o quisesse fazer teria que acrescentar “e ainda está”. Note-se ainda que, no enquadramento daquela pergunta, a selecção de um tempo do passado em detrimento de um presente revela que o locutor não está em condições de saber se aquele estado se aplica também no tempo da enunciação.

Dado que o Pretérito Perfeito se comporta de modo idêntico com os dois tipos de predicados, só o Imperfeito revela características especiais quando combinado com predicados de indivíduo. A questão é afinal o que há na semântica do Imperfeito que propicie isso. Com efeito, trata-se de um tempo verbal com valores não só temporais como também aspectuais e modais e essa versatilidade advém de não estabelecer limites temporais senão os que são fornecidos pelo contexto explícito (ou em certos casos, implícito).

Uma frase no Imperfeito com um predicado de fase (evento ou estado) sem qualquer restrição temporal fornecida pelo contexto é sempre pouco aceitável:

(50) ? Ele bebia um café com natas.

(51) ? Ele estava doente.

(50') Quando o conheci, ele bebia um café com natas.

(51') Quando a Maria chegou, ele estava doente.

Só as frases com predicados de indivíduo em combinação com o Imperfeito não são problemáticas sem o apoio do contexto, mas associam a si o efeito de não existência:

(53) Ele era inteligente /afável / alto ...

Estas observações levam-nos a considerar que o referido efeito se joga na forma como se entrelaça a pressuposição de existência do indivíduo com o Imperfeito. Uma hipótese que parece interessante é a sugerida por Musan¹⁵ segundo a qual o tempo de existência do indivíduo que o sintagma em posição de sujeito denota atribui o contexto implícito de que necessitamos.

Como o Pretérito Perfeito só diz respeito à não atribuição de um predicado - note-se que uma frase neste tempo em combinação com predicados de fase não precisa de qualquer outra informação contextual - o Imperfeito com predicados de indivíduo e na ausência de outro contexto, serve-se da duração atribuível à existência do indivíduo. Por isso o efeito de não existência ocorre naturalmente em frases simples e em frases como (41) em que o contexto é muito vago quanto à localização temporal. Quando este se torna explícito, como em (44), então a leitura que prevalece deixa de ser a de não existência. Nas frases (42) e (43) por seu turno, o contexto linguístico é suficientemente explícito para restringir a interpretação das frases.

O falante tem assim a opção de um Presente, se pretende informar que o indivíduo em causa existe no tempo em que a frase é enunciada ou do Imperfeito no caso contrário. A escolha do Pretérito Perfeito envolve só a não atribuição do predicado ao indivíduo denotado pelo sintagma em posição de sujeito. Essa é a razão pela qual uma frase como (22), aqui repetida, não é aceitável em virtude de *ser do norte de Portugal* ser um predicado com a mesma duração da existência de um indivíduo.

(54) *Ele foi do norte de Portugal.

Estas leituras despoletadas pelo Imperfeito parecem aplicar-se fundamentalmente ao sintagma em posição de sujeito, como se observou em todos os exemplos até agora. Vejamos então se é possível que tais efeitos sejam atribuídos a outras posições argumentais. Um caso interessante a considerar é o verbo *parecer*(-

¹⁵ Veja-se a este respeito MUSAN, R. - *Tense, Predicates, and Lifetime Effects* in "Natural Language Semantics", vol.5, n°3,1997, pp. 271-301.

se). Este verbo apresenta características semânticas e sintáticas de um verbo simétrico¹⁶ mas quanto à questão que aqui nos ocupa parece não se comportar como tal. Veja-se o seguinte exemplo, versão portuguesa de um exemplo de Kratzer:¹⁷

(55) A tia Teresa parecia-se com a minha avó.

Esta frase só é adequada num contexto em que a tia Teresa já não existe e em que a pressuposição de existência de minha avó se mantém. Esta mesma frase não seria aceitável numa situação em que a tia Teresa está viva e a minha avó não está, pois para este caso só uma frase como a seguinte seria adequada:

(56) A minha avó parecia-se com a tia Teresa.

Deste modo, verifica-se que não há simetria deste predicado no que diz respeito à localização temporal dos seus argumentos. Estas observações confirmam a hipótese de Kratzer segundo a qual o tempo localiza temporalmente o argumento externo (sintático). Quando se trata de um predicado de indivíduo, esse argumento é realizado por um sintagma nominal e se o predicado for de fase, o tempo pode localizar o argumento extra (de tipo eventivo ou de localização) proposto por Kratzer para distinguir estes predicados dos de indivíduo. Nesta medida, o tempo está fora do sintagma verbal e surgiria no restrictor na forma lógica, de acordo com a proposta de *mapping hypothesis* de Diesing.¹⁸

No entanto, esta questão parece ser mais complexa do que estas propostas sugerem em virtude de não se poder considerar, em português, qualquer tempo nem sequer, no que diz respeito ao passado, qualquer dos seus tempos. Parece assim mais adequada a proposta feita anteriormente segundo a qual há uma interacção entre tipo de predicado, Imperfeito e pressuposição de existência do indivíduo.

5. Em forma de conclusão

Neste artigo pretendeu-se discutir o que distingue o tempo Presente dos tempos

¹⁶ Veja-se a este respeito FONSECA, J. - *Verbos Simétricos* in Fonseca, J. "Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português", Porto, Porto Editora, 1993, pp.127-147.

¹⁷ KRATZER, A. - *op. cit.*, pp. 156.

¹⁸ DIESING, M. - "Indefinites", Cambridge, Mass., MIT Press.

do passado, Imperfeito e Pretérito Perfeito, no que diz respeito à possibilidade de inferência da existência ou não de um indivíduo. Esse efeito ocorre com predicados de indivíduo (ou que se comportem como tal) e não com predicados de fase. Os tempos do passado, com aqueles predicados têm o efeito de não atribuir a propriedade relevante ao indivíduo, mas o Imperfeito associa, em frases simples (sem contexto explícito) e em certos contextos, um efeito suplementar: o predicado não se aplica porque o indivíduo já não existe. No entanto, quando o contexto fornece elementos que permitem restringir a localização temporal, o Imperfeito deixa de produzir esse efeito, havendo em grande medida relações temporais de subordinação. Estas duas opções interpretativas são em parte veiculadas pela semântica dos tempos como o exemplo (1) atesta: a correção só faz sentido porque o falante se apercebe de que, estando a estabelecer uma relação de subordinação com o tempo da frase anterior, tem também acessível o efeito de não existência proporcionado pelo Imperfeito. Assim, o falante selecciona o Presente ou o Imperfeito conforme quer transmitir a instrução de existência ou não do indivíduo ao qual está a atribuir um predicado de indivíduo. Estes efeitos não surgem com predicados de fase na medida que não podem pôr em causa a existência de um indivíduo: como são temporários a existência do indivíduo é assumida como verdadeira.

Assim, a pressuposição da existência do indivíduo associada à duração temporal é também relevante: os predicados de indivíduo são relativamente estáveis ou até permanentes, mas podem não se aplicar a toda a vida de um indivíduo. Por isso se pode usar também o Pretérito Perfeito quando, não pondo em causa a existência do indivíduo, se está a dizer que tal predicado já não é aplicável.

Mas a fama, quando baseada no valor dos indivíduos ou da sua obra, mantém-se em qualquer circunstância e talvez por isso *ser famoso* seja um predicado independente dos efeitos de não existência.

Fátima Oliveira